

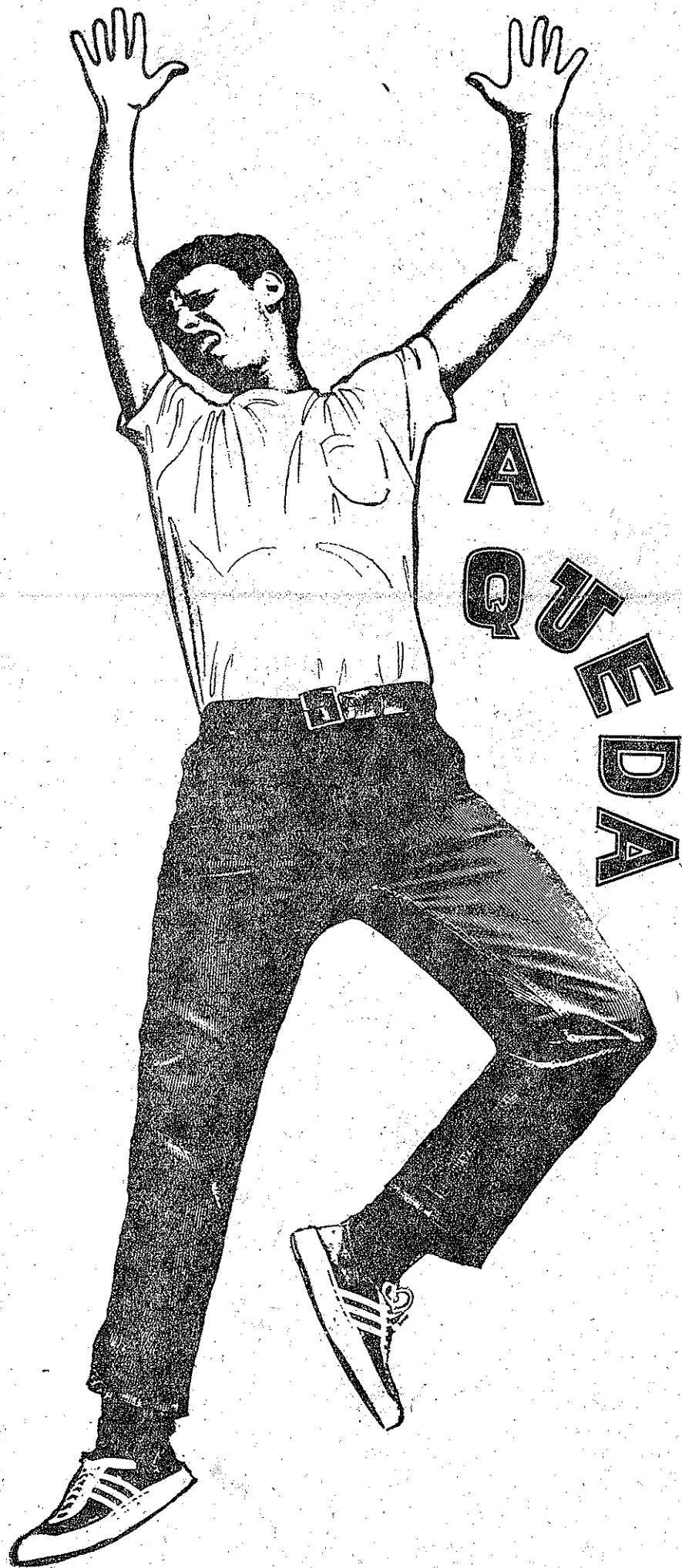
ULTIMATO

"BUSCAI O SENHOR
ENQUANTO SE PODE ACHAR"

Ano III — Número 29

Campinas, Estado de São Paulo

Maio de 1970



Nem tôda queda é um desastre. Nem tôda queda mata. Há uma queda que tem efeito terapêutico, que sara, que coloca tudo nos lugares certos, que reabilita, que inaugura um período nôvo na vida dos homens. É quando a poeira se assenta ou se elimina a espuma. É quando o nevoeiro se desfaz ou as ilusões se dissipam. Quem ainda não caiu, precisa cair. Não é necessário ter mêdo. Nem é prudente evitá-la. Deixai que a queda se verifique. Provocai-a. Apressai-a.

O versículo central da famosa Parábola do Filho Pródigo fala-nos desta queda: "Então, **caindo em si**, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui morro de fome! Levantar-me-ei e irei ter com meu pai e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores." (Lucas 15:17-19.)

A queda em si não doeu. As dores e as humilhações foram anteriores à queda e cessaram com esta. A queda encerrou o triste espetáculo do tapete mágico, de andar sobre as nuvens, de correr atrás do vento, de nunca dizer não a si próprio. E abriu as portas para uma vida real, segura, onde existe a verdadeira liberdade. A queda transportou o rapaz de um chiqueiro de porcos para uma sala de banquete, ao som de música e danças, com a melhor roupa, com um anel no dedo e sandálias nos pés.

A queda se dá quando se despenca do irreal para o real, do transitório para o eterno, do superficial para o profundo, do relativo para o absoluto. É o mesmo que tirar a venda dos olhos, acordar para a realidade, curvar-se a uma solução, deixar as cisternas rôtas para recontrar o manancial de águas vivas, desprezar os prazeres imediatos na contemplação de Deus.

Esta é a queda que tem efeito terapêutico, que sara, que vale a pena, que não se deve evitar.

Calendário Histórico para Maio

Dia 2 — A outra face da Ciência...

No dia 2 de maio de 1938, o diretor-adjunto do laboratório de pesquisas da Sandoz Chemical Works, em Basiléia, Suíça, Dr. Albert Hoffmann, descobriu um produto químico a que deu o nome de Lyserg Saeure Diethylamid 25. Era a gênese do célebre LSD, a droga do século. Até 1955, o LSD era conhecido apenas nos fechados círculos militares (por ser uma arma de guerra) e psiquiátricos (por ser útil no tratamento de doenças nervosas). A partir de então, começou o processo que, em 1963, levaria o LSD para o domínio público. Hoje, a droga é fabricada clandestinamente e consumida em quase todos os países do mundo, criando um dos mais sérios problemas de nossos dias. É o alimento dos hippies. O LSD não tem odor nem sabor. Alguns quilos em pó podem colocar fora de combate a população dos Estados Unidos por 12 horas. No ano passado, o Hospital da Universidade George Washington verificou que 4 em 14 fetos de mães que tomam o LSD apresentaram graves deformações e deficiências no esqueleto e no cérebro (quase 30%).

Dia 5 — A outra face da Política

Poucas pessoas terminaram os seus dias de maneira tão triste mas, ao mesmo tempo, tão acertada quanto Napoleão Bonaparte. Depois de uma ascensão vertiginosa, de ser o vencedor de grandes e numerosas batalhas, de se tornar o Imperador dos Francêses, o Rei da Itália e o Protetor da Confederação do Reno e de lutar por uma Europa unida, Napoleão, aos 46 de idade, foi derrotado em Waterloo, na Bélgica, e exilado na Ilha de Santa Helena. A ilha tem apenas 122 km² (menos de 10% da área do Estado da Guanabara) e situa-se no Oceano Atlântico, entre o Brasil (na altura da Bahia) e Angola, a 1.900

km da costa africana. Afastado de todas as glórias do passado, da esposa e do filho, doente e naquele isolamento, Napoleão teve tempo suficiente para avaliar suas conquistas e contrastá-las com o reino que Jesus Cristo estabeleceu por força do amor. O grande corso faleceu no dia 5 de maio de 1821, com 51 anos, vítima de um câncer no estômago.

Dia 10 — Médico e missionário

Roberto era um jovem escocês diplomado em Cirurgia, Farmácia e Medicina. A princípio era ateu, mas a admirável calma e resignação de uma cliente verdadeiramente cristã, levou-o a estudar as Escrituras. O resultado foi a sua conversão e a sua consagração total à pregação do Evangelho. Com a idade de 29 anos chegou à ilha da Madeira, Portugal, como missionário. As inúmeras conversões despertaram sérias perseguições religiosas e Roberto foi obrigado a fugir, depois de dar cinco anos de sua vida aos madeirenses. Alguns anos depois, no dia 10 de maio de 1855, com 46 anos, este Roberto e sua segunda esposa, desembarcaram no Rio de Janeiro com o propósito de anunciarem aqui o Evangelho. Coube ao Dr. Roberto Reid Kalley a glória de inaugurar no Brasil o primeiro trabalho estável e permanente de evangelização em português. Talvez por causa da idade e por causa das amargas experiências em Funchal (capital de Madeira), Kalley agia com acentuada prudência e recomendava aos crentes portugueses, que vieram para ajudá-lo, que tivessem "grande cuidado com os padres e as irmãs de caridade". As Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil são o resultado do trabalho missionário de Sara e Roberto Kalley.

Dia 21 — A ilha de Erromanga

As Novas Hébridas são uma cadeia de ilhas

do Oceano Pacífico um pouco acima do Trópico de Capricórnio, não muito distante da Austrália, com 68.000 habitantes e 14.763 km² de área total. Pertencem a França e a Grã-Bretanha. No tempo em que não havia governo nas ilhas e a área era considerada terra de ninguém, vários missionários ingleses foram evangelizar os nativos. Os primeiros esforços terminaram numa tragédia: os missionários Williams e Harris, momentos após terem posto os pés na ilha de Erromanga, foram massacrados e devorados pelos indígenas (30/11/1839). Vinte e dois anos depois, no dia 21 de maio de 1861, mais dois missionários, Rev. Gordon e sua esposa, foram assassinados pelos selvagens. O crime foi provocado pelos traficantes de sândalo que acusaram os missionários de serem os causadores da epidemia de sarampo e de todas as calamidades que haviam ferido a ilha. Os Gordons chegaram em Erromanga em 1857. Muitos rapazes e moças haviam se convertido, viviam na Casa da Missão e auxiliavam devotadamente o missionário e sua esposa.

Dia 29 — A mais feliz ou a última

O único presidente católico dos Estados Unidos nasceu no dia 29 de maio de 1917, no ano em que seu país entrou na Primeira Guerra Mundial. Quando John F. Kennedy tinha 12 anos houve a quebra na Bolsa (1929), provocando o período de completa pobreza e tragédia, conhecido como a Grande Depressão (5 anos). Kennedy estava com 24 anos quando a Segunda Guerra Mundial envolveu os Estados Unidos. Tinha 43 anos quando foi eleito presidente e 46 quando foi assassinado. Foi o Presidente John Fitzgerald Kennedy quem disse: "Temos os meios de fazer da geração atual a mais feliz da humanidade na história do mundo — ou fazer dela a última".

Sobras

8 — A maxi-hipérbole

A maior hipótese de que se tem notícia é da autoria do Rev. André Jensen. Disse -ele, em 1919, que tentar alcançar o céu por esforço próprio, por meio de dinheiro ou sofrimento é voltar a construir a torre de Babel. E "o barro de todo o globo terráqueo, amalgamado com todos os mares, jamais daria a milionésima parte dos tijolos para o primeiro degrau de semelhante torre, e as florestas todas do Universo jamais dariam lenha para produzir a contelha necessária sequer para acender o forno destinado a queimá-los, não bastando tão pouco todas as gerações, de todos os tempos, para cavar uma infinitésima parte da vala que se deveria abrir!" A maxi-hipérbole do Rev. Jensen vai além: "Mais fácil seria, contudo, milhões de vezes, edificar-se uma torre que tocasse no Céu, como queriam os antigos, do que salvar-se o pecador por seu dinheiro, sofrimentos ou pelezas". O saudoso pastor presbiteriano queria apenas tentar convencer os leitores de seu opúsculo **Guardai-vos dos Falsos Profetas** (Rio, 1919) que "esta grande estrada de comunicação, entre o Céu e a Terra, não pode ser construída daqui para lá, mas,

sim, de lá para cá: é obra das mãos do Onipotente".

9 — O trem que apitava diferente

Lá pelos idos de 1937 e 1938, as famílias que residiam nas proximidades das estações da Rede Mineira de Viação, entre Patrocínio e Ibiá, no Estado de Minas, sabiam quando o Rev. Eduardo Lane era ou não um dos passageiros do trem. Juca, o maquinista, depois que se converteu, fazia questão de apitar a locomotiva de modo diferente quando conduzia o seu pastor. Assim os crentes daquela região eram avisados da chegada do missionário. A senhora Lane também ficava ciente do regresso do marido, pois Juca, ao entrar em Patrocínio, controlava o apito do trem de maneira especial.

10 — Camelo & Agulha

João Wesley tinha 84 anos quando foi a Macdesfield e verificou que os crentes ainda estavam na fé, "apesar do seu enriquecimento rápido". Se continuar assim, disse Wesley, "será o primeiro caso que conheço no correr de meio século". Apesar de tudo e da sua própria idade, Wesley ainda os admoestou em termos fortes.

Ipsis Verbis

Pomar sem frutos

Annibal Nora, em Alto Jequitibá (Presidente Soares), MG, em 1919: "Uma das maiores bemçams estreitamente ligadas ao matrimônio é uma prole numerosa. Uma família sem filhos é um jardim sem flôres, é um pomar sem fructos. Os filhos são élos de uma corrente forte, que estreita a união de dois corações unidos pela sympathia". (**A Educação dos Filhos**, pág. 1.)

A armadura da fé

Miguel Rizzo Junior, no enterro de uma criança em Campinas, SP, em março de 1920: "Arrancar do coração a fé em transe como este pelo qual passamos, seria como que tirar a couraça do combatente, quando ele se acha sob a acção dos dardos inimigos. Seria agravar o estado de nossa alma accrescendo á dôr que a tortura um outro mal terrível — a dúvida. Fechemos pois as portas do nosso coração a esse elemento que pode tornar mais addensada ainda a nossa magoa. Si a fé em um Deus pessoal e bondoso não nos soerguer do abatimento, debalde procuraremos consolo em todos os recursos das philosophias dissolventes que tentam explicar nossas dôres como resultantes de um destino mechanico e cêgo que nos arrasta, inexoravelmente, pelos declives dos flagelos terrenos". (**Oração Funebre**, pág. 10.)

A santificação do domingo

Vicente Themudo, em 1923, na 3.^a edição de seu opúsculo **Na Casa de Deus**: "Fazer nesse dia (domingo) a correspondência ordinaria, frequentar cafés, comprar os jornaes do dia, ir ao barbeiro, concorrer, ás diversões, fazer compras e recorrer á literatura secular, — são cousas estas que levam o crente a profanar o domingo e a deixar de receber as bemçams promettidas nesse dia" (pg. 23.)

Romanismo e Cristianismo

José Carlos Nogueira, em Araraquara, SP, no ano de 1924, prefaciando o **Catecismo Protestante** do Dr. Richard P. Blakney: "As páginas que se seguem, aclaradas com o brilho das Sagradas Escrituras, irão, aos poucos, mostrando que o Romanismo se distancia tanto do Christianismo ou dos systemas evangelicos, como o oriente do ocidente; que há entre elles um abysmo como o que separa a luz das trevas, que são systemas antagonicos, que se opõem, que se repellem!" (**Refutação do Romanismo**, pg. 3.)

ENC

ça P
EC)
Lati
Salv
dên
Eva
uma
de a
aos
vae
nas
Igre
fun
mai
mes
sou
ta f

Des
bran
igre
nha
da l
espo

ULT

ENCONTRO MARCADO

Agora, de 3 a 10 de maio, a Aliança Pró Evangelização das Crianças (AP EC) está promovendo em toda América Latina uma Semana de Oração pela Salvação das Crianças. Por feliz coincidência, o testemunho de aceitação do Evangelho que hoje publicamos é de uma pessoa que entendeu a necessidade da salvação e se converteu a Cristo aos dez anos de idade. D. Leontina Novaes, descendente direta de italianos e nascida em Antonina, PR, é membro da Igreja Batista do Prado, em Curitiba, e funcionária do IPASE há 20 anos. "A maior coisa que tenho a dizer de mim mesma", explicou D. Leontina, "é que sou crente em Jesus Cristo". Ela acredita firmemente que tudo aconteceu

Pela Misericórdia Divina

Leontina Novaes

Desde a mais tenra idade da qual tenho lembrança de meus atos, vejo-me procurando uma igreja. Antes mesmo de vovó Cerina encaminhar-me com decisão para a Escola Dominical da Igreja Batista em Antonina, eu, sozinho e espontaneamente, talvez entre os seis e sete



anos de idade, aos domingos de tarde, procurava as aulas de catecismo na igreja católica apóstolica romana local, onde fôra batizada após poucos dias de nascida.

Era devota de Santa Terezinha a quem pedia, fervorosamente, desde meus primeiros anos de vida responsável, perdão dos meus primeiros pecados e auxílio em ocasiões difíceis. Sob a influência positiva de minha avó materna ia dominicalmente a Igreja Batista em Antonina e à tarde, invariavelmente, assistia ao catecismo na Igreja de Nossa Senhora do Pilar. Exerceu poderosa, decisiva e vibrante influência em minha infância, o Pastor batista José Lúcio Pereira, de saudosa memória. Toda vez que o ouvia pregar, entregava-me a Cristo, secretamente, no coração. Só não manifestava publicamente minha deliberação por ser extremamente inibida e pelo temor de ob-

ter uma recusa por parte dos membros da Igreja, dada minha compleição franzina, parecendo ter apenas seis anos quando já completara dez. Desde que aceitei Jesus em meu coração passei a morar no sítio de vovó Cerina, para não freqüentar circo e cinema locais, de cujas diversões papai era o empresário. Fazia longas e gostosas viagens com o Pastor José Lúcio no centro e arredores de Antonina visitando, evangelizando, distribuindo folhetos. Tenho imensas saudades dele. Sei que me converti a Cristo, sentindo necessidade de salvação, consciente de meus pecados, aos dez anos de idade, sob o poder do Espírito Santo e como resultado de uma pregação evangelística inspirada, cujo instrumento humano foi o servo do Senhor, Pastor José Lúcio Pereira. Porém, só prestei profissão de fé e solicitei batismo na Primeira Igreja Batista de Curitiba, quando completei quinze anos, tendo sido batizada pelo Pastor João Emílio Henck, em bela noite de 31 de dezembro. Pela misericórdia divina tenho sido preservada e pela misericórdia divina foi-me ensinado o Caminho. Pela misericórdia divina Jesus foi entrando em minha vida, desde a infância, sedimentando virtudes, elevando o caráter, conduzindo os ideais, aprimorando os talentos, entusiasmando a prosseguir, ajudando a levar a cruz. Provações de toda sorte têm se colocado como estorvo, como teste, como prova no meu jornada de crente por mais de vinte anos consecutivos. Tristezas, tentações, decepções, morte, dor, embarços, tudo isso tem sido removido pela misericórdia divina e hoje, feliz, não entre rosas, mas entre urzes, cardos e espinhos, posso dizer com alegria: "Posso todas as coisas, naquêlé que me fortalece" (Filipenses 5:13).

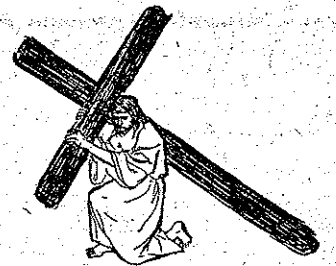
Abre a porta!

Zaira Bayma

Socega, coração, não te inquietes tanto!
O Amigo está à porta,
Ei-Lo que bate e chama...
Si te turbas e agitas,
Não poderás ouvir a Sua voz...
É manso o Seu chamado,
É suave a Sua mão...
Acalma-te e escuta.
Si ouvires bater
E Lhe abrires a porta,
Ele entrará e vai ceiar contigo.
E toda essa ansiedade, e toda essa incerteza
Jamais hás de sentir!
Um nôvo sol, brilhando em tua vida
Vai espancar as trevas!
E será sempre dia,
Não haverá mais noite...
E nunca mais te sentirás sozinho!

Para salvar

os outros



É curioso observar que, durante o período da crucificação, tanto as autoridades como os soldados e um dos ladrões disseram a Jesus: "Salva-te a ti mesmo" (Lucas 23:35,37 e 39). Eles não conseguiram entender que Jesus veio para salvar os outros, em detrimento de sua própria vida. Ele veio buscar e salvar o perdido. Se Ele amasse a sua própria pele, se Ele se poupasse, se Ele descesse da Cruz, se Ele se livrasse daquela situação, se Ele se salvasse, você não seria salvo. Foi a força do amor que gerou a disposição de dar-se a si mesmo para salvação dos outros. E ninguém o demoveu disto, nem Pedro quando, "chamando-o à parte, começou a reprová-lo, dizendo. Tem compaixão de ti, Senhor" (Mateus 16:22). Jesus preferiu ter compaixão dos outros e não de si.

Ora, qual é a sua reação diante destes fatos? Tais cousas não o induzem a uma decisão de âmbito religioso? Então, quebre o gelo e o formalismo, reúna sua família e tomem todos uma atitude firme com relação a Jesus Cristo. E que Deus os abençoe.

A Escola Bíblica por Correspondência terá o maior prazer em cooperar com você, enviando-lhe — inteiramente grátis — uma série de estudos bíblicos sobre a doutrina da salvação e como viver a vida cristã. Se você tiver interesse, preencha o cupão abaixo, remetendo-o à Caixa Postal, 2350, em Porto Alegre, RS.

nome por extenso

rua, número e bairro ou caixa postal

cidade

estado

A Ressurreição

Benjamim César



É este o segundo artigo, sobre a Ressurreição, suscitado pelo livro de Fosdick.

O insigne escritor admitiu encontrar-se na Bíblia o ensino da Ressurreição, fato que, não obstante, não o induz a aceitá-lo. Procura explicar que está na Bíblia porque os escritores da mesma não sabiam admitir a continuidade do espírito separado da carne. A afirmativa de Paulo em I Cor., 15:50, "A carne e o sangue não podem herdar o Reino da Deus", Fosdick considera uma idéia nova, uma exceção. Se Orígenes, o teólogo grego dos séc. II e III, admite a vida desmaterializada, a imortalidade, mas sem associá-la à ressurreição, segundo Fosdick, que me importa a mim, se as Escrituras me ensinam o contrário? É estranho que o teólogo americano, para argumentar, cita tantas vezes textos bíblicos, sem mesmo ressaltar alguma, e, todavia, rejeita-os formalmente quando os julga contrários às suas convicções. Não é coerente, como não o são, em geral, os que atacam a Bíblia. Ele acha que tais narrativas são histórias inventadas, fruto da imaginação do momento. Mas, se as acoima de inverossímeis, terá ele, repito, o direito de citar outras como verdadeiras? Que critério subjetivo, perigoso, desonesto mesmo, esse! Se rejeita a ressurreição de Cristo não devia igualmente descrever do seu nascimento? Aonde iríamos parar, com tal modo de jogar o santo livro? A Bíblia, diz ele, expressa, na época de cada livro, o pensamento da época; no sentido histórico, não tem significação moderna. O leitor da Bíblia, pensa ele, deve ser tão livre que possa aplicar à sua época o ensino passado dela. Ora, a Ressurreição foi um fato histórico, real. Iremos porventura rejeitá-lo pelo fato de a mentalidade moderna não o aceitar?

O escritor expressa a opinião de que um corpo ressuscitado é uma crença infensa à da existência do espírito. Não entendo esse espiritualismo exacerbado. Acaso é a matéria má em si? Adão, antes da queda, não era santo e possuindo corpo? Não foi Deus quem fez o corpo e não é perfeito e completo tudo quanto Ele faz? Cristo não era o Filho de Deus e não tinha corpo, comendo, bebendo, cansando-se, dormindo? Se o possuía antes da morte, por que não poderia possuí-lo depois? Não fala Deus em restaurar todas as coisas e nestas não está incluída a matéria, o corpo? Será maniqueísta o autor de "A Bíblia em nossa época"?

Eu aceito a Bíblia como regra de fé e creio ser esta a posição do leitor. Vamos então, juntos, às Escrituras, somente ao Novo Testamento, e vejamos serenamente o que ele diz com referência à Ressurreição de Cristo.

1. Jesus próprio a vaticinou. "Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário... ser morto, e ressuscitado no terceiro dia." (Mat., 16:21; Mc., 8:31.) "A ninguém conteis a visão, até que o Filho do homem ressuscite dentre os mortos." (Mt., 17:9; Mc., 9:9.) "...Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei... Quando Jesus ressuscitou dentre os mortos, lembraram-se os seus discípulos de que ele dissera isto..." (Jo., 2:19,22; Mt., 26:61; 27:40.) "... e eles o matarão; mas no terceiro dia ressuscitará." (Mt., 17:13; Mc. 9:31.) Note-se: Será morto e ressuscitará: dois fatos e dois fatos relacionados. Se é verdade que o mataram, é também verdade que ressuscitou. "Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, produz muito fruto." (Jo., 12:14.)

2. Vejamos o testemunho do eminente apóstolo Paulo. Sendo muitas as referências, escolhamos algumas. Em Antioquia da Pisídia, centro anatólico-greco-latino-judaico, pregou: "... puseram-no em um túmulo. Mas Deus o ressuscitou dentre os mortos; e foi visto muitos dias pelos que com ele subiram da Galiléia para Jerusalém, os quais são aqui as suas testemunhas perante o povo" (At., 13:29-31). Em Atenas, perante filósofos epicureus e estóicos: "Deus há de julgar o mundo com justiça por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos" (At., 17:31). E no verso 18 se diz que Paulo ali pregou a Jesus e a ressurreição. Na presença do Sinédrio, tribunal judaico: "No tocante à ressurreição dos mortos sou julgado" (At., 23:6). E de altas autoridades do império romano: "... o Cristo... sendo o primeiro da ressurreição dos mortos." "... haverá ressurreição, tanto de justos, como de injustos" (At., 26:23; 24:15). Afirma que Jesus mesmo, ressurreto, apareceu a ele: "foi visto por mim" (I Cor., 15:8). Com que ênfase e entusiasmo apregoa a doutrina da ressurreição! "Cristo... ressuscitou ao terceiro dia. E apareceu a Cefas, depois, aos doze. Depois foi visto por mais de 500 irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora... Se não há ressurreição de mortos, então Cristo não ressuscitou, e, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação e vã a nossa fé e somos tidos por falsas testemunhas de Deus, porque temos asseverado que ele ressuscitou... Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos..." (I Cor., 15:3,4,5,6,13,14,20.)

3. Reportemo-nos agora a Pedro. A propósito da eleição de um substituto de Judas, disse: "... um destes, se torne testemunha conosco da sua ressurreição" (At., 1:22). No dia do Pentecostes: "... vós o matastes, crucificando-o... ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte" (At., 2:23,24.) Novamente no templo, em outra ocasião: "Matastes o Autor da Vida, a quem Deus ressuscitou... do que nós somos testemunhas... Tendo Deus ressuscitado ao seu Servo..." (At., 3:15,26). Enfrentando o Sinédrio: "Jesus Cristo... a quem Deus ressuscitou" (4:10). Na casa de Cornélio, centurião romano: "A este ressuscitou Deus no terceiro dia... nós que comemos e bebemos com ele, depois que ressurgiu dentre os mortos" (At., 10:40,41). E na sua primeira carta não hesitou, tempos depois, de escrever: "... nos regenerou para uma viva esperança mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos"... Deus, "que o ressuscitou dentre os mortos" (1:3,21) "... por meio da ressurreição de Jesus Cristo" (3:21).

4. João escreveu o Apocalipse, um dos últimos livros compostos no fim do século. Em 1:5 chama Jesus de "O primogênito dos mortos". No v. 18 cita palavras de Jesus: "Estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos

dos séculos..." E em 2:8: "Diz o primeiro e o último, que esteve morto e tornou a viver". Em 20:6: "Bem-aventurado aquele que tem parte na primeira ressurreição". Não nos esqueçamos de que a ressurreição dos justos resulta da ressurreição de Cristo.

5. Todos os apóstolos deram testemunho da ressurreição de Cristo. Basta esta passagem: "Com grande poder os apóstolos davam o testemunho da ressurreição do Senhor Jesus" (At., 4:33). Que boa companhia perdem os defensores de Fosdick!

6. Com simplicidade e naturalidade, registram todos os quatro Evangelhos a ressurreição. Cristo apareceu a Maria Madalena (Jo., 20:16); a outras mulheres (Mt., 28:9,10), a Pedro (Lc., 24:34; I Cor. 15:5); aos dois discípulos no caminho de Emaús (Lc., 24:13-33); aos apóstolos, exceto Tomé (Lc., 24:36-44, Jo., 20:19-23); aos apóstolos com Tomé (Jo., 20:23-29); aos discípulos no mar de Tiberíades (Jo. 21); aos 500, incluindo sem dúvida os onze (I Cor., 15:6; Mt., 28:16); a Tiago (I Cor., 15:7); aos apóstolos, imediatamente antes da ascensão (At., 1:4-12). Os soldados romanos, que não eram amigos nem crentes, ali ao lado do sepulcro, guardando-o por ordem superior, quando o anjo desceu e removeu a pedra, "fêram espavoridos, como se estivessem mortos" (Mt., 28:4). Testemunho dos olhos, dos ouvidos, das mãos; de dia, de noite; rápida ou demorada; de indivíduos e de grupos, pequenos ou numerosos. Alguns registros com pormenores abundantes.

Os saduceus eram racionalistas e incrédulos. "Os saduceus declaram não haver ressurreição, nem anjo, nem espírito" (At., 23:8). Cristo acautelava os discípulos contra o fermento, mau, deles (Mt., 16:6). Narra nos Lucas em At., 18:32 que, quando Paulo falava da ressurreição dos mortos, uns escarneciam. Entretanto, um cético como Straus, o teólogo do séc. passado que julgava a vida de Jesus um mito, esse Straus afirmou: "A doutrina da ressurreição é o centro, o verdadeiro coração do Cristianismo".

† ULTIMATO

Órgão de Propaganda Evangélica
Caixa Postal, 1236
Campinas, SP

— Expediente —

Diretor-Redator

Elben M. Lenz César

Diretor de Arte

João William Garrison

Colaboradores

Henriqueta Rosa Fernandes Braga

Augusto Gotardelo

Benjamim L. A. César

Haroldo H. Cook

Ismael Andrade Leandro

Aliança Bíblica Universitária do Brasil

Associação Brasileira de Ensino, Cultura,

Assistência e Religião (ABECAR)

Escola Bíblica por Correspondência

Redação

Rua Buarque de Macedo, 1369

Vila Nova — Campinas, SP

Preços

Assinatura Anual — NCR\$ 8,00

No Exterior (com porte aéreo) — US\$ 4,00
(cheques e ordens de pagamentos em nome do Diretor e pagáveis em Campinas, SP)

Officinas Impressoras

Imprensa Batista Missionária

Publica-se mensalmente

Português Pela Bíblia



Augusto Gotardelo

LXXXVII. COGITAR — “Aquêlê que cogita em maldosos projetos, com os olhos espantados, executa o mal mordendo os seus beiços.” (Prov., 16:30.) **Cogitar** rege a preposição **em** no texto transcrito, mas pode reger também a preposição **de**, segundo se vê dêste passo de Machado de Assis: “Mas o padre não **cogitou de** tal coisa.” (Helena, 263.) **Cogitar** pode ser usado como transitivo direto, no sentido de **imaginar**. No mesmo escritor citado lê-se êste exemplo: “Estela não desistira da idéia e **cogitava** um meio de chegar à execução...” (Iaiá Garcia, 102.)

LXXXVIII. ESTRIBAR-SE — “... perguntado em que fundamentos e conselhos **se estribavam** os judeus, respondeu...” (II Mac., 14:5.) O verbo **estribar** é facultativamente pronominal (Pe. Pedro Adrião). Transcreve êste vernaculista alguns exemplos autorizados, dos quais separo êste de Camilo: “A recusa **estribava** nestas razões...” Em Rui, na **Réplica**, em o n.º 230, leio: “O antigo, porém, **estribava** na uma unanimidade dos votos conciliares.”

LXXXIX. EU SOU O PÃO DA VIDA — “Eu sou o pão da vida.” (João, 6:48.) Em regra não se estampa nem se pronuncia o pronome-sujeito **eu**. Há, porém, casos especiais, como o da ênfase, que é o caso do texto em aprêço, nos quais o pronome é empregado. O próprio latim, que raramente se utilizava do pronome-sujeito, não o dispensava nos casos enfáticos: “Ego sum panis uitae.” O abuso do pronome-sujeito é cópia do inglês, do francês. **Pão** é predicativo do sujeito **eu**. Há três predicativos: a) do sujeito: **Eu sou o pão da vida**; b) do objeto direto: Todos o consideram **pão** do espírito; c) do objeto indireto: Todos lhe chamam **pão** do espírito.

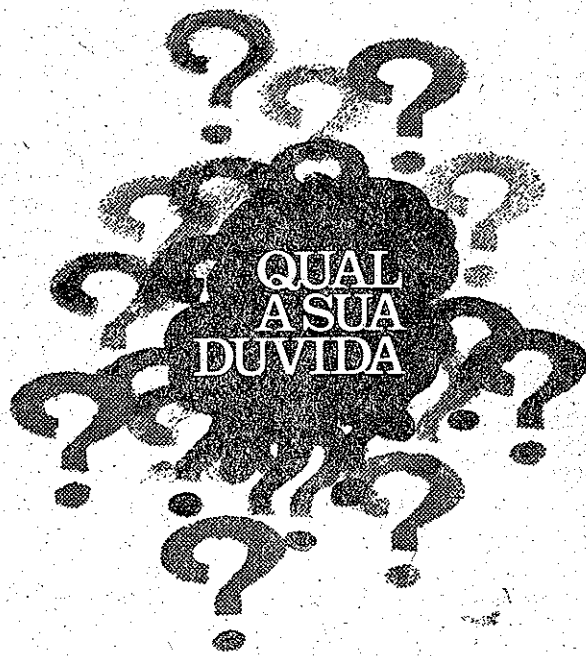
LC. LESO — “Ora em Listra residia um homem **leso** dos pés...” (Atos, 14:7.) **Leso** (lê-se **léso**) é adjetivo e significa **ofendido, tolhido, paralisado**. Nas expressões **leso-patriotismo, lesa-majestade, lesa-gramática, lesa-filologia**, **leso** é adjetivo e deve, por isto mesmo, concordar com o substantivo seguinte. Aproveitemos esta lição preciosa de Júlio Moreira: “É sabido que a palavra **lesa** é o participio de **laesus** (=ferido, ofendido, violado), do verbo **laedere**, em concordância com o substantivo a que está junto. Assim, eram combinações freqüentes em latim **laesa pietas, laesa dignitas, laesa maiestas, laesa fides**; e com substantivos de outro gênero, **laesum jus, laesum foedus**, etc. (Estudos, I, 73.) Imitemos êste modelo: “O corregedor da Vila Real não contava os réus de **lesa-majestade**...” (Camilo: **Doze Casamentos Felizes**, 185.)

LXXXVII. DISTINGUIR — “Pela ciência do Senhor foram **distinguídos**...” (Elesiástico, 33:8.) O **u** de **distinguir, distinguído**, etc., não é proferido. Se o fôsse, levaria o trema. “**Distingu-ir** é pronúncia viciosa. Pronuncia-se: **distinghir**, sem fazer soar o **u**.” (B. Sampaio: **Falar Certo**, 98.)

LXXXVIII. ENTRE TI — “Eu porei inimizade **entre ti** e a mulher...” (Gênesis, 3:15.) “Peço-te que não haja rixas **entre mim e ti**...” (Gên., 13:8.) “Não haja guerra **entre mim e vós**.” (I Mac., 7:28.) Diremos: **entre mim e ti, contra mim, contra ti, sem mim, sem ti, e não: entre eu e tu, contra eu, sem eu**, etc. “São assuntos que se podem tratar **entre mim e ti**...” (M. de Assis: **A Mão e a Luva**, III.) “Porque vens, pois, pedir-me adorações quando **entre mim e ti** está a cruz...” (Herculano: **Eurico**, 43.) A preposição não rege nominativo ou pronome-sujeito. “O correto e corrente é, visto que a preposição não rege nominativo, dizer: que me vai **a mim e a ti** nisso?” (H. Graça: **Fatos**, 262.) Esta é a lição dos mestres, embora haja exemplos em contrário.

LXXXIX. DILÚVIO — “Eu porém derramarei as águas do **dilúvio** sobre a terra...” (Gên., 6:17.) Almeida traduz êste passo bíblico assim: “Porque eis que eu trago um **dilúvio de águas** sobre a terra...” Há de parecer redundante a parte sublinhada, porque a idéia de **dilúvio** se liga à de **água**. Dirá alguém: “**Dilúvio** só pode ser de águas.” Engano: pode ser até de fogo, de lágrimas, em sentido hiperbólico. **Dilúvio de fogo** lê-se em Vieira: “Há de chover um **dilúvio de fogo**, com que se há de acender o ar, secar o mar, e abrasar a terra.” (Sermões, I, p. 66.) O mesmo terso escritor serve-se de **dilúvio de lágrimas**: “É se queriam encarecer êsses **dilúvios de lágrimas**, não pela cópia, senão pela dor, digam-se chorou tristemente.” (Sermões, V, 109.) **Dilúvio** quer dizer **abundância, grande quantidade**. **Dilúvio de águas** significa **grande quantidade de águas**.

XC. DESVARIO — “Mas o que as mulheres lhes diziam parecê-lhes um **desvario**...” (Lucas, 24:11.) **Desvario**, com a tônica no **i**, e não **desvário**, que é barbarismo prosódico.



QUAL
A SUA
DUVIDA

Mary Cleme Silvério,
da Aliança
Bíblica Universitária
do Brasil

1 — Por que Deus promete paraízos e infernos? Acho que nada que um homem possa ter feito no mundo é suficiente para condená-lo ou absolvê-lo. É simplesmente absurda tal coisa.

L. T. S., de SP — Capital

— Concorde com você que nada que o homem possa ter feito o condene, mas, e o que o homem deixou de fazer? “Porquanto, tendo conhecimento de Deus não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-lhes o coração insensato” (Rom. 1:21). O fato do homem se afastar de Deus é que o leva a atos que o possam condenar e não os atos em si. É absurdo pensar que os atos têm poder em si mesmos para condenar ou absolver, não acha?

2 — O homem de hoje tem colocado sua fé na ciência e assim se aproxima de Deus. O que vocês me dizem?

D. O. L., de SP — Capital

— Tudo depende do modo como é colocada essa fé. O homem pode se aproximar de Deus quando êle O vê através e além da ciência, mas, pode também ver a ciência como um Deus e assim se afastar de Deus. Nada que se interponha entre o homem e Deus o pode aproximar de Deus, concorda? Se sua fé está na ciência, onde está a fé que deveria ser colocada em Deus?

3 — Por que é impossível ser cientista e ter fé ao mesmo tempo?

R. S., de Limeira — SP

— Não é impossível. Tanto o cientista como o religioso são homens de fé, variando apenas radicalmente o que cada um dêles crê ser importante. Tudo depende do ângulo visual de cada um uma vez que para ambos a fé é a categoria básica de todo conhecimento. No que você tem colocado sua fé? Na ciência como deus ou no Deus da Ciência?

4 — Deus fez o homem e portanto o homem não é responsável por ser como é. Por que insistem tanto que o homem deve se arrepender para ser melhor? Se Deus quizesse o homem perfeito, êle que o fizesse melhor.

S. E. M., de Assis — SP

— Deus criou o homem perfeito porque o criou “a Sua imagem e semelhança” (Gên., 1:26 e 27). O homem não aceitou aquêlê estado no qual foi criado e é responsável pela escolha que fez. Ser responsável significa dar uma resposta a outrem pelos próprios atos. Que resposta você tem dado ao seu criador? Não será alguma da qual você deva se arrepender?

Alguns leitores têm-nos sugerido uma seção para perguntas e respostas. Roberto Santos, do Rio de Janeiro, desenhista das Clichérias Latt-Mayer S. A. e líder na mocidade evangélica carioca, chegou a preparar o clichê acima dando sobre o assunto um ultimato ao Últimato. Com um pouco de atraso, aqui está Qual a sua dúvida?, uma nova seção destinada aos estudantes de colégio e universidade. As respostas serão formuladas pela Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB), sobre a qual Últimato publicou uma reportagem em janeiro de 1969. As de hoje foram preparadas por Mary Cleme Silvério, formada em Serviço Social, presbiteriana, e “cem por cento autêntica” segundo Ênio Braga.

Tôda correspondência para esta seção deve ser dirigida ao seguinte endereço: “Qual a sua dúvida?”

Aliança Bíblica Universitária do Brasil
Caixa Postal, 30505 — São Paulo, SP



Haroldo Cook

Nunca se sabe quando a oportunidade vai chegar até nós, — voando. Precisamos estar alerta, sempre vigiando, prontos para segurá-la pelo topete, de passagem. Mas se, distraídos, a deixamos passar, e assim escapar, será que vem outra vez?

Quanto à salvação, não! Isso porque geralmente não vem voando, mas fica parada ao nosso lado, dias, semanas, e até anos. Há exceções, como o caso do ladrão na cruz. De manhã, ele estava sem Cristo; ao meio dia, estava em Cristo e a noite com Cristo. Tudo num só dia. E que dia! Mas uma pessoa que ouve o Evangelho e continua negligente, indiferente, não fazendo caso, toda a sua vida, depois da morte, não haverá outra oportunidade.

Quanto ao serviço, sim, graças a Deus. Há vários casos na Bíblia de pessoas que caíram, mas levantaram. Veja o caso de Jonas. "Veio a palavra do Senhor segunda vez a Jonas" (3:1). Para não fazer o que Deus mandou, ele fugiu (1:3). Mas Deus, na sua misericórdia, foi atrás dele e com amor o disciplinou. Jonas aproveitou a lição e foi pregar em Nínive.

Outro caso é o do filho pródigo, registrado em Lucas 15. Ele partiu da casa do pai e foi a uma terra distante, onde dissipou todos os seus bens, vivendo dissolutamente. Filho ingrato, ele desprezou os conselhos paternos e entregou-se ao mundo. Reduzido à penúria, caiu em si e resolveu voltar e pedir perdão ao pai. E este o repeliu? Não, mas o recebeu alegremente e lhe deu uma segunda oportunidade de ser bom filho. E este pai é semelhante ao nosso Pai celeste.

Um terceiro caso é o de Pedro, que, julgando-se incapaz de negar o seu Senhor, vaidosamente afirmou que estava pronto a segui-lo em quaisquer circunstâncias — até a morte, sendo preciso. Mas ele não se conhecia a si mesmo. O Senhor Jesus o conhecia perfeitamente e profetizou o que ia acontecer. Incrível como pareça, três vezes Pedro negou o seu Senhor, até com blasfêmias. Na terceira vez Jesus olhou para ele. Ele viu aquele olhar do Mestre e saiu chorando amargamente, odiando-se a si mesmo. Entrou num estado de profundo remorso e desespero, pensando que nunca mais podia servir como discípulo do Senhor. Mas Jesus, com terna compaixão lembrou-se de Pedro. Depois da sua ressurreição, mandou, por intermédio de um anjo, um aviso em que, bondosamente, Pedro, ouvindo isto. Assim sabia que "Ide, dizei aos discípulos, e a Pedro..." Imagine a alegria de Pedro, ouvindo isto. Assim sabia que estava restaurado.

Davi também caiu e perdeu, não a salvação, mas a alegria da salvação. Confessou o seu pecado, conforme o Salmo 51, e foi restaurado. Levantou-se e começou de novo. O que ele fez, outros podem fazer, incluindo o amigo leitor.

"O amado do Senhor habitará seguro com ele" (Deut. 33:12). Esse versículo estava impresso no cartão com que a família de Mário de Cerqueira Leite Junior agradecia as demonstrações de amizade por ocasião de seu falecimento, ocorrido a 21 de dezembro de 1969. E esse versículo, além de revelar uma confortadora e sublime certeza, retrata a vida e o ministério de um homem que, por ser "o amado do Senhor" teve sempre a consciência de, com Ele, habitar seguro.

O Rev. Mário de Cerqueira Leite Jr., era filho de Mário de Cerqueira Leite e de Dna. Eduarda de Mello de Cerqueira Leite. Casado com Dna. Celia Alessio de Cerqueira Leite, deixou três filhos, Eduarda, casada com Abel Nachbar, Mário e Marcelo, maiores, e três netos.

Concluído o Curso Secundário, no Liceu Rio Branco, em São Paulo, ingressou ele na Faculdade de Teologia da I. P. B., em Campinas, obtendo o seu diploma de bacharel em teologia em 1936.

Fui seu contemporâneo no Seminário durante dois anos, pois que ingressei naquela "Casa de Profetas" em 1935. Dois anos de convivência diária foram mais do que suficientes para poder perceber a finura de trato, a firmeza de caráter e a solidez das convicções religiosas do Rev. Mário, virtudes essas que o tornaram, durante todo o seu ministério, o Pastor consciente e amigo, o Obreiro dinâmico e sempre prestativo, o Cristão genuíno e absolutamente autêntico, cujo testemunho enobrecer e dignificou a Igreja à qual sempre pertenceu.

Quem compulsar a sua Carteira de Ministro verificará o dinamismo de sua vitoriosa carreira ministerial, vencida, muitas vezes, com prejuízo não só de sua preciosa vida, como, também, do convívio amoroso de seu lar, pois que, para o "amado do Senhor", as necessidades sempre presentes da Seara e as do rebanho sob o seu fecundo pastoreio, tinham prioridade. E, assim, foi se desgastando uma vida cujo ideal sempre foi servir ao seu Senhor.

Seu grande desejo de alcançar a santo ministério, para o qual sentia profunda vocação, levou-o, no último ano do curso teológico, por ordem do seu Presbitério, a ajudar o pastor das Igrejas da Lapa e de Santos. E tal foi a desenvoltura do trabalho realizado, e a dedicação demonstrada nesse serviço, que o Presbitério, uma vez terminado o curso teológico, dispensou-o da licenciatura, sendo imediatamente ordenado, e colocado no campo da Igreja de Iguape, na qual, durante o ano de 1937, exerceu seu primeiro pastoreio. Pastoreou, sucessivamente, as seguintes Igre-

jas: Bragança (1938 e 1939), Unida, primeiro como pastor auxiliar, e depois como co-pastor (1940 a 1947). e Araraquara (1948 a 1963). Em 1962, além da Igreja de Araraquara, pastoreou as Igrejas de Itápolis e Novo Horizonte.

A Confederação Evangélica do Brasil, de 1964 a 1966, o teve como um de seus mais operosos e cultos funcionários, pois que, durante esse período, exerceu suas atividades como Secretário Executivo do Departamento de Atividades Religiosas e Educativas.

Em 1966, passou a integrar o Conselho Evangélico de Educação Religiosa, como Secretário Assistente, e ocupava o cargo de Redator dos Periódicos de Educação Religiosa, quando a morte o tirou de nosso convívio. Ao lado de suas atividades pastorais, exercidas com tanto zelo e proficiência, foi o Rev. Mário chamado inúmeras vezes a ocupar cargos de elevada responsabilidade na administração geral da I. P. B. Assim é que, enquanto esteve no Presbitério de S. Paulo, foi seu Secretário Executivo (1938 a 1944) e seu Presidente (1946 e 1947).

Transferindo-se para o Presbitério de Araraquara, o encontramos como seu Presidente (1949) e Secretário Executivo (1951 a 1963).

Foi Presidente do Sinodo Oeste do Brasil (1953 a 1955), e com a organização do Sinodo Oeste de S. Paulo, foi eleito seu primeiro presidente, em 1963, exercendo a presidência até 1965.

Em função de seu cargo, compareceu a muitas reuniões da Comissão Executiva do Supremo Concílio, e foi, por várias vezes, deputado ao Supremo Concílio e o foi também à Coistituente de 1949.

Foi Diretor do Seminário Teológico Presbiteriano por vários anos, e Presidente da Diretoria, de 1958 a 1961.

Como tutor eclesiástico de vários candidatos ao santo ministério, fez sentir sobre eles a sua piedosa e culta atuação.

A Confederação Evangélica do Brasil em 1964, nomeou-o seu representante junto ao Conselho da Fundação Nacional do Bem Estar do Melhor, cargo em que foi reconduzido, em 1966, permanecendo nele até a data do seu falecimento. Sua atuação na F. N. B. E. M. foi das mais destacadas, e sua palavra, sempre ponderada e sábia, era ouvida com respeito e admiração pelos componentes daquele Conselho. Foi uma luz sempre brilhante no testemunho de uma vida cristã.

Somos gratos a Deus pela vida operosa, vibrante, comunicativa de que, sendo "o amado do Senhor" habita "com Ele seguro" para todo o sempre.

Os últimos dias de Pompéia

(1)

Ismael Andrade Leandro

Bastante interessante é o livro "Vida, morte e ressurreição de Herculano e Pompéia", publicado pela Editora Itatiaia com 282 páginas e fartamente ilustrado.

Soterrada em lama vulcânica há quase vinte séculos, esta famosa cidade de veraneio na Itália emerge agora como uma das mais ricas descobertas arqueológicas.

Sim, foi no dia 24 de agosto de 79 de nossa era que algo espantoso aconteceu e de repente. Em poucas horas uma erupção do vulcão Vesúvio matou a muitos e sepultou essa cidade com cinzas e lava enterrando suas casas e obras de arte. Durante estes quase 2.000 anos diversas escavações foram feitas, e elas estão sendo desenterradas e nos dando a conhecer a vida daquela época, bem como a situação dos cristãos no primeiro século.

Como explicavam os nativos aquelas erupções? Muito simples! Os deuses, senhores do céu, armados do raio e do trovão, haviam aprisionado gigantes enormes nas entranhas da terra. Estes, esmagados sob o peso das montanhas se sacudiam num esforço desesperado para escapar do túmulo, até que o conseguiram no ano 79 D. C.

Aquêles habitantes se dedicavam aos seus cultos místicos e esotéricos, magia e culto dos mortos como faziam os pagãos.

Magistrados e funcionários se rivalizavam em oferecer mais e novas distrações para o povo, com a maior frequência possível. Já naquele tempo sua preocupação era a diversão e festa como se a vida se fundamentasse nisso.

Diversos terremotos ocorreram. Os deuses estavam zangados e os gigantes continuavam tentando escapar. Era preciso aumentar as orações, os sacrifícios humanos e as oferendas. Não atinavam que gás e matérias em fusão, amontoadas no interior do cone do vulcão, procuravam um orifício para escapar.

Deus cuidará de ti

Henriqueta Rosa Fernandes Braga

O Reverendo W. Stillman Martin era pastor batista. Em 1904, acompanhado da esposa e do filhinho de nove anos, foi a Nova York em visita a amigos. O turbilhão da grande cidade exauriu as poucas forças da Sra. Martin, cuja saúde combatida de há muito inspirava cuidados à família.

Tendo recebido e aceitado convite para pregar numa das igrejas da cidade, justamente no dia em que deveria fazê-lo a esposa piorou consideravelmente colocando-o em estado de alarme. Perplexo, sem saber que resolver, decidiu-se afinal a telefonar aos oficiais da igreja onde deveria dirigir o culto e avisá-los da sua impossibilidade de comparecer em razão da moléstia da Sra. Martin. Não lhe agradava esta idéia, mas lhe pareceu a única solução. Já pegava no fone e estava a tirá-lo do gancho quando se fez ouvir a voz do seu filhinho, que dizia: — "Papai, não acha que se fôr da vontade de Deus que o Sr. pregue hoje à noite ele mesmo cuidará de mamãe enquanto o Sr. estiver fora?"

Reconduzido pela mão do filho a ponderar no poder de Deus, envergonhou-se de haver, por um momento, duvidado do seu amparo e do cuidado que dispensa aos seus filhos. Orou ao Senhor, pediu-lhe que tomasse conta da esposa e dirigiu-se à igreja onde pregou com desusado poder. Várias pessoas decidiram-se por Cristo naquela noite.

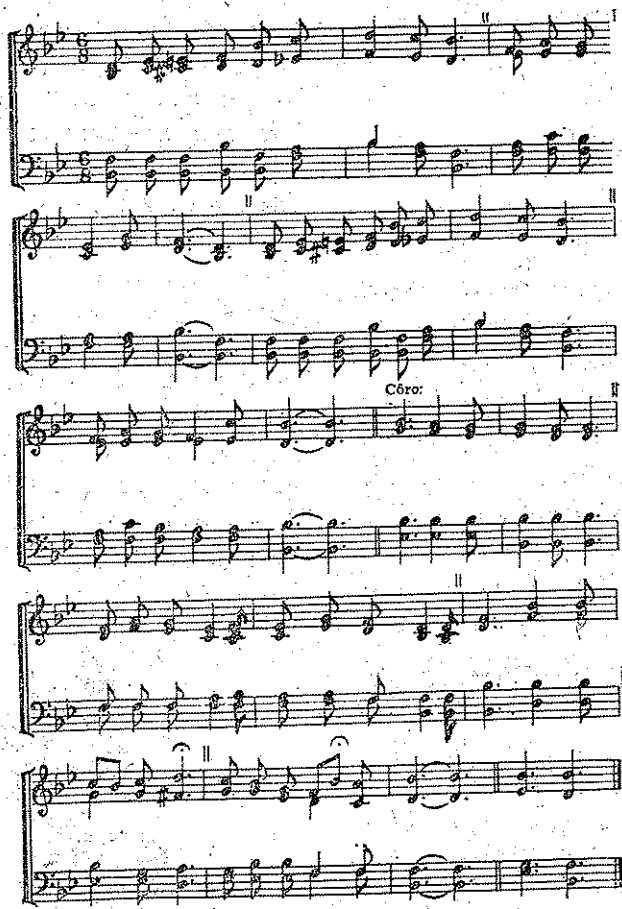
Regressando à casa, foi alegremente recebido pelo filhinho, que permanecera como solícito enfermeiro à cabeceira da mãe. Este estendeu-lhe uma folha de papel em que algo se achava escrito. O Rev. Martin tomou das mãos do menino a mensagem que lhe era apresentada e leu:

1. Desalentado coração,
Deus velará por ti;
Com terno amor e compaixão,
Deus cuidará de ti.
2. Nas horas negras de angústia e dor,
Deus velará por ti;
No doce abrigo de Seu amor,
Deus cuidará de ti.
3. Quando em tristezas e provações,
Deus velará por ti;
Nas amarguras e tentações,
Deus cuidará de ti.
4. Seus ternos braços te estende: vem!
Deus velará por ti;
N'Ele achará teu descanso e bem;
Deus cuidará de ti.
Deus cuidará de ti
Por toda a vida, na dor, na lida,
Sim, não te deixará:
Deus cuidará de ti.

Reconhecendo a letra da esposa, perguntou-lhe onde encontrara tão expressivos versos. Escrevi-os enquanto pregavas na igreja, foi a resposta.

Eis como, pelo testemunho de uma criança de apenas nove anos de idade, pai e mãe foram trazidos para mais perto de Cristo.

O Rev. Martin era musicista. Tomando os versos da esposa, expressão de fé decorrente da situação que haviam atravessado, dirigiu-se a um harmônio que havia no quarto em que se achavam hospedados e em poucos momentos compôs para o cântico música adequada. O hino divulgou-se, tendo sido traduzido para várias línguas inclusive o português. Possuímos em vernáculo pelo menos três versões. A que apresentamos é da lavra do Rev. Pôrto Filho, tendo sido preparada em 1947 para figurar na edição revista de *Salmos e Hinos* lançada em 1948.



PRONUNCIAMENTOS



De ciúme também se vive

Vera Lúcia Dumont Prado, do corpo de redação da revista *Reino*: "A falta total de ciúmes também não é uma virtude. Demonstra um certo desinteresse e descuido; e um pouco de zelo e cuidado sempre agradam e são gravetos que alimentam o fogo do amor. Saber dosar o ciúme é uma arte que todos devemos cultivar".

Vergonha e glória

Carlos Lacerda, ao criticar o filme *Macunaíma*, na revista *Manchete*: "É preciso não ter vergonha de aprender para merecer a glória de ensinar".

Dispositivo de alarma

Moacir Araújo Lopes, General-de-Divisão, presidente da Comissão Nacional de Moral e Civismo: "A liberdade só pode realmente ser conferida ao homem sem grandes riscos quando ele dispõe de um instrumento interior de auto-contrôle".

Cortesia

Dênio Benjorge, do Centro Informativo Católico: "A vida é feita de pequenas coisas, quase inúteis: a saudação silenciosa que os motoristas se fazem na estrada, a deferência por deixarmos passar em primeiro lugar uma senhora, o pedir licença quando entramos numa sala, o sorriso com que a balconista nos presenteia, o obrigado ao motorista que nos trouxe da cidade. São coisas que fazem funcionar a vida, são a graxa que fazem andar, sem rangido, sua engrenagem. São estas pequenas coisas que compoem a vida. Experimente esperar coisas extraordinárias todos os dias e você chegará ao fim de mãos vazias. Herói temos a oportunidade de sê-lo uma ou duas vezes na vida."

Sol e sombra

Haroldo H. Cook, comentando a doxologia que aparece na Epístola de Judas: "Em vista do indiscutível poder de Deus para nos guardar, como é que alguns caem? É porque eles saem fora da zona do poder de Deus. Enquanto o sol brilha, alguns andam na sombra. O poder é d'Ele, a responsabilidade de obedecer é nossa".

Vinte e três acusações contra Rockfeller

Recorte da *Folha do Norte*, de Belém do Pará, citado por *O Jornal Batista*: "Terminou (os céus sejam louvados!) a novela **Beto Rockfeller**. A moral é das mais deificantes. Beto, depois de enganar, defraudar, adulterar, violentar, furtar, vender-se, vender, falsificar, mentir, fingir, trair, engabelar, iludir, burlar, seduzir, disfarçar, espolar, degenerar, degradar, deprimir, ofender, rebaixar e aviltar, termina a novela sem nada lhe acontecer. Pelo contrário. Tranquilo se transfere para o Rio, onde vai continuar a fazer tudo quanto fez impunemente em São Paulo".

Dois grande burrices

Werner von Braun, membro da Igreja Episcopal da Natividade em Huntsville, Alabama, com 20 graus honorários de doutorado: "Compreender um cientista que não reconhece a presença duma razão superior por trás da existência do universo é tão difícil quanto compreender um teólogo que negasse os progressos da ciência".

ABECAR

Quatro maneiras de fazer um curso teológico pelo sistema ABECAR:

- 1 — INTERNATO — EXTERNATO. Frequentando as aulas na sede.
- 2 — POR EXTENSÃO PELA ELETRÔNICA. O estudante recebe as gravações de todas as aulas, toca-fitas, apostilas e livro-texto.
- 3 — POR CORRESPONDÊNCIA. Os cursos e o material completo pelo correio.
- 4 — POR EXTENSÃO. O aluno recebe o material completo e a visita do professor uma vez por semana (num raio de 75 km da sede).

Matrículas abertas na 1.ª segunda-feira de todos os meses. Não há semestre nem ano letivo.

A redução do curso completo, de 4 para 2 anos, não é feita mediante o abreviamento do conteúdo nem o cancelamento de matérias, mas torna-se possível pelo sistema ABECAR.

Alguns dos professores: Dr. Waldir Carvalho Luz, Rev. Ary Velloso, Rev. Dr. P. Russell Shedd, Rev. Odayr Olivetti, Rev. James Wallis, Rev. Plínio Moreira da Silva, Rev. William LeRoy, Rev. Horace de Paula, Rev. Adolfo Machado Corrêa.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO, CULTURA, ASSISTÊNCIA E RELIGIÃO — ABECAR

Sede: Pça. Firmina Santana, 21 s/14 — Mogi das Cruzes, SP
Caixa Postal, 2.803 — São Paulo



A mulher do Bandeirante

Esteve em visita ao Brasil a missionária aposentada Margareth Mac Intyre, de 86 anos de idade, cabelos brancos e olhos azuis, residente em Glasgow, na Escócia. A viagem foi um presente do marido pelo 60.º aniversário de casamento. Ele não veio porque já não suporta uma viagem tão longa. Rev. Archibald e D. Margareth MacIntyre foram missionários da **South American Evangelization Mission** (fundada em 1885) no Brasil desde 1909 e até 1958, quase 50 anos. Mr. Mac Intyre é conhecido como o **bandeirante** evangélico do Estado de Goiás, onde abriu picadas para a formação de diversas congregações evangélicas. O casal tem quatro filhos, dos quais dois são missionários no Brasil (Rev. Tom E. MacIntyre, diretor do Seminário Bíblico Mineiro, em Belo Horizonte, e Isabel MacIntyre, diretora de uma Escola de Enfermagem em Maceió). Mary MacIntyre é missionária no Congo e Margareth é a única que reside com os pais em Glasgow (enfermeira chefe de uma fábrica). Depois de visitar Goiânia, cidade que viu nascer, e conhecer Brasília, e antes de regressar a Escócia no dia 2 de abril, Mrs. MacIntyre concedeu uma entrevista ao jornal carioca **O Dia**. Nela a missionária de 86 anos recorda a lua-de-mel de 60 anos atrás, num barraco, com duas esteiras e dois sacos de açúcar para servir de travesseiros, a única cousa que conseguiram em Goiânia naquela época. Esperava-a em Glasgow um telegrama de felicitações enviado pela Rainha Elizabeth.

Do Brasil para o mundo

O conhecido programa **Escola Bíblica do Ar.**, do pastor batista David Gomes, transmitido por várias emissoras brasileiras, será apresentado também pela Rádio Trans-Mundial, sediada em Bonaire, nas Antilhas Holandesas (ao norte da Venezuela), a partir do próximo dia 5 de maio. A emissora tem 500 mil watts na onda média e 200 mil na onda curta. O programa, produzido e gravado no Rio de Janeiro, será apresentado às terças-feiras às 22 horas e às quartas-feiras às 5 horas da manhã.

Tem o propósito de alcançar em transmissão direta Portugal, Ilha da Madeira, Açores, Moçambique, Macau e outros lugares onde se fala a língua portuguesa.

Se o amor falhar, a Porta da Esperança terá que fechar

"A Missão Caiuá constitui uma das maiores evidências de dedicação e de amor cristão de que tenho notícia, em nossa pátria. É um trabalho que, iniciado nas selvas, sem nenhuma preocupação de que fosse visto pelos homens, manifestou, desde o início, o exercício de vocações incoercíveis." Assim se expressou a Prof.^a Alzira Valim Ferreira ao ser entrevistada, no Dia do Índio, pela mocidade da Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara, em Campinas, SP, juntamente com a missionária aposentada Margarida Sydenstricker. Os primeiros missionários da Associação Evangélica de Catequese dos índios chegaram em Dourados, MT, há 41 anos. Com excessão do Rev. A. S. Maxwell, o idealizador do trabalho, eram todos brasileiros e representavam a Igreja Metodista do Brasil, a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, a Igreja Presbiteriana do Brasil e a East Brazil Mission (da I. P. do sul dos EE. UU.). A sede da Missão Caiuá localiza-se numa enorme clareira a poucos quilômetros de Dourados, onde há uma Escola, um Templo e um Hospital. A missão dá assistência espiritual, médica, educacional e agrícola aos indígenas residentes no sul de Mato Grosso e, além da sede, mantém cinco postos de atendimento, quase todos com obreiros residentes: **Tey-Kue** (a 60 km de Dourados), **Amambai** (a 240 km), **Taquapiri** (a 276 km), **Ramada** (a 300 km) e **Jacarei** (a 360 km). Para instruir os índios e fornecer-lhes oportunidades de trabalho e para ajudar na manutenção da obra, a Missão Caiuá possui olaria, serraria, marcenaria, sapataria, granja (1.300 galinhas Hy-Line doadas por um industrial de Campinas), criação de coelhos e tilápias, tecelagem (tear manual) e uma oficina de corte e costura. O Hospital, com 74 leitos, é o único só para índios no Brasil e recebe doentes de todo o Estado de Mato Grosso (até os **Parecis**, de 400 kms além de Cuiabá). A Fundação Nacional do Índio ajuda na manutenção de dez leitos a NCR\$ 10,00 cada um e ajuda a pagar o pessoal da Tuberculose num total de NCR\$ 4.700,00, mas a média dos gastos é de NCR\$ 12.000,00. Grande parte de todos os gastos é coberta com as ofertas das igrejas evangélicas brasileiras. D. Loide B. Andrade, a esposa do Rev. Orlando Andrade, diretor da Missão, diz que "se o amor dos colaboradores falhar, a **Porta da Esperança** terá que fechar... e devolver índios que, doentes, viajaram uma semana à procura de uma cama e de um prato de comida, até que consigam se levantar para trabalhar". (Endereço da **Associação Evangélica de Catequese dos Índios**, para ofertas e correspondência: Rua Líbero Badaró, 561, 5.º andar, Sala 504, Telefone 32-4519 ou Cxa. Postal, 7513, em São Paulo, SP.)

Seminário para Livreiros Evangélicos

Cêrcã de 70 pessoas de dez estados e representando aproximadamente 35 editoras e livrarias evangélicas do Brasil participaram do Seminário para Livreiros Evangélicos, realizado no Acampamento Palavra da Vida, perto de São Paulo, de 16 a 18 de abril. O Seminário foi promovido pela Câmara de Literatura Evangélica do Brasil (CLEB) e contou com a participação de Franklin Giddings Adorno Vassão (Supervisor de Promoções da Distribuidora Abril, de São Paulo) e Antônio Vieira de Carvalho (professor de chefia, liderança e assuntos relacionados e chefe do Centro de Formação do Grupo Nestlé, presbítero e pregador-leigo da Igreja Presbiteriana Betânia). Este é o terceiro curso promovido pela CLEB no setor de literatura.



Vaticano: quantos são os cristãos

O Serviço Missionário Italiano da Igreja Católica publicou no órgão oficial do Vaticano, **L'Osservatore Romano**, dados estatísticos sobre as religiões cristãs no mundo. A população mundial não-cristã é de, aproximadamente, 2 bilhões e 300 milhões de pessoas (1 bilhão a mais do que todos os cristãos). Há mais de 600 milhões de católicos, 270 milhões de protestantes e 150 milhões de ortodoxos. Vivem nos países subdesenvolvidos 49,8% dos católicos e, apesar desta alta porcentagem, esses países possuem apenas 22% dos sacerdotes.

Inglaterra: por que o povo mata?

Uma análise dos assassinatos havidos na Inglaterra entre os anos de 1957 a 1968 revela uma consistência estatística notável. O n.º mais baixo de assassinatos foi 114, em 1958, e o mais elevado 154, em 1967. Em alto grau o maior número (45 de 99, em 1968) assassinou pelo mesmo motivo que levou Caim a matar Abel ou o clero a crucificar Jesus, por cólera, rixa, briga, inveja ou vingança. Outro motivo foi o roubo (16). Em terceiro lugar estava o assassinato por motivo sexual (6).

China: esforços opostos

Segundo Paan Ming-to, correspondente de Hong Kong para a Comunidade Evangélica Mundial, os cristãos na China Vermelha sofrem discriminação, são dispersos e aprisionados e todos os cultos da igreja são banidos. Esta atitude de dureza é focalizada na revista **Red Flag**, de agosto de 1969: "O esforço para a realização dos ideais do comunismo no mundo inteiro e a edificação do reino de Cristo na terra são incompatíveis como a água e o fogo".

CONVERSA DE HOSPITAL

Ana Maria Leite

O domingo, Dia das Mães, passara com rapidez. Segunda, foi aquela trabalhadeira. Na terça, sentiu dores nas costas. Quarta-feira, foi para o hospital, às dez horas da noite. Que luta! Nem a caminho, no táxi, seu marido deixava de atormentá-la com aquele ciúme doentio e aquele bafo de cachaça! Sentia pena de si mesma. Tão nova, vinte e sete anos, ia dar à luz ao sétimo filho. Não tinha ajudante para as lides diárias, sofria calada durante nove anos, ao lado daquele homem. Por que se casara com ele? Não sabia, desde solteira, que ele era ciumento extremado? Pudara, só viva em más companhias... E o pior era o seu trabalho. Soldado da Polícia, tinha que frequentar péssimos ambientes. Enfim, era o destino. Não adiantava lamentar-se.

— Helena, você não fica num quarto sozinha. De jeito nenhum. Se não tiver companheira de quarto, voltamos prá casa e eu chamo a parteira. Sozinha num quarto, com aqueles médicos, você não fica. Já te disse!

— Está bem, não se preocupe. Vou pedir prá ficar num quarto com outra senhora. Que Deus me ajude!

O hospital era muito grande, tinha fama de tratar bem, com igualdade aos doentes de qualquer situação financeira. Faziam caridade. Havia alguns médicos e enfermeiras evangélicos. Sentia-se cansada e abatida, com tanta vergonha de pedir que, por favor, a colocassem num quarto com companhia... E se não fosse possível?

O médico apressou-se a tratar do assunto com a doente do quarto trinta e um, uma senhora que se operara para ganhar uma criança, dois dias antes. Ela concordou.

— Boa noite. Este é meu marido. A senhora não se importa que eu fique no mesmo quarto? Tenho tanto medo de ficar sozinha! Meu marido tem que ir trabalhar. Minha mãe ficou com minhas crianças. A senhora não imagina o pavor que eu tenho de ficar sozinha...

— Não se preocupe. Eu ficarei mais seis dias convalescendo da operação. Acho até bom ter com quem conversar. A senhora espera ganhar seu nenê ainda hoje?

— Sim, todos os meus partos são iguais. Eu já me acostumei. O primeiro...

Começou a contar a odisséia dos nascimentos dos filhos, tímido por tímido. Como era bom ter uma ouvinte tão atenciosa. Simpatizou-se demais com aquela senhora. Era risonha, também mãe de seis e falava com calma e bondade. Perdeu, aos poucos, o acanhamento que sentiu ao entrar ali. O quarto era de primeira classe, com banheiro particu-

lar. Mas, a simplicidade de D. Diva a cativou e a pôs à vontade. Ela a animava a contar mais e mais de sua vida. Não sabia porque sentia tal confiança nela que acabou contando o problema de ciúme do seu esposo. Explicou-lhe porque não queria ficar só. Terminou chorando quando mencionou as ameaças de seu marido.

— Vamos, Helena, você foi tão forte e corajosa cada vez que ganhou seus filhos! Lembre-se do sétimo que está para chegar. Pare com esse choro. Pense na alegria que você terá daqui a algumas horas, quando estiver com o nenê nos braços. Será que vai ser menina, ou menino? O que você gostaria que fosse?

Distraiu-se respondendo aquelas perguntas e não chorou mais. D. Diva parecia u'a amiga de muitos anos. Por que ela era tão bondosa? Por que, em vez de dormir, fazia-lhe companhia, conversando horas a fio? Não eram estranhas quatro horas atrás? Com certeza seriam os problemas comuns da maternidade de que as identificaram tão depressa. Mas, devia haver algo mais. Estranho como D. Diva a tratava. Conversa vai, conversa vem, descobriu. Ela era crente, espôsa de um pastor. Helena tivera um namorado crente, muito cumpridor de seus deveres. Conhecia, também, uma senhora evangélica, amiga de sua mãe, que tinha o jeito de D. Diva.

Apanhou a Bíblia aberta que D. Diva lhe estendia e leu no lugar indicado: "O que vem a Mim de maneira nenhuma o lançarei fora". Aquelas palavras não eram difíceis de compreender. D. Diva explicou que **qualquer** pessoa, em **qualquer** lugar, em **qualquer** tempo e em **qualquer** circunstância que buscar a Deus de todo o coração, Ele a recebe. Deus promete em Sua Palavra que todo que vai a Ele será recebido. Leu também João 14:6 — "Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim". D. Diva explicou que Deus providenciou o meio de irmos a Ele através de Seu Filho.

Conversaram sobre a necessidade que Helena e sua família tinham de ir a Deus.

A enfermeira veio buscá-la. Já eram cinco da manhã de quinta-feira. O tempo passou sem se perceber. Meia hora depois, voltou para o quarto. A alegria estampada em seu rosto era contagiante.

— D. Diva, é uma menina. Foi tudo bem. Quero que se chame Soraia, porque é nome de uma princesa. Deitou-se e dormiu profundamente.

Seu marido veio visitá-la à hora do almoço. Trouxe notícias de casa. Helena apresentou-o ao pastor, marido de D. Diva, que também estava presente. Este

As Aflições de Maria

"Muitas são as aflições do justo, mas o Senhor de todas o livra." (Salmo 34:19.)



Ela quase perdeu o noivo. Deus vocacionou-a para ser a mãe de Jesus. Logo em seguida à visita do anjo Gabriel, Maria foi de Nazaré para uma cidade de Judá, à casa de Isabel, sua parenta, que estava grávida de seis meses. Permaneceu ali cerca de um trimestre (provavelmente até o nascimento de João Batista) e voltou para a Galiléia. José percebeu a diferença de Maria. Parece que nem ele nem ela conversaram sobre o assunto. O noivo não tinha a menor razão para desconfiar da noiva, mas, diante dos fatos, resolveu deixá-la secretamente, sem alarde nem escândalo. Não fôsse a necessária intervenção do Senhor — "o que nela foi gerado é do Espírito Santo" — o casamento não teria se consumado. E os lindos sonhos de amor de uma jovem pura e bela cairiam bruscamente por terra.

No reboliço de uma capital e no corre-corre de uma festa religiosa de âmbito nacional, **ela perdeu o Filho**. O Menino contava doze anos. Não exigia vigilância. Maria também não queria se intrometer demais. Embora fôsse sua mãe, ela sabia que Ele era antes dela. Aconteceu, porém, que, de repente, ela

procurou entabolar conversa com aquele sujeito carrancudo.

Tiveram toda a tarde para continuar a conversa da noite anterior. Helena sentia uma paz invadir-lhe a alma quando prometia que leria a Bíblia, ouviria programas de rádio evangélicos e frequentaria a igreja mais próxima de sua casa. Como residissem muito distantes, D. Diva providenciou uma enfermeira batista, que morava mais perto de Helena, para visitá-la.

Na sexta-feira, quando chegou a hora de voltar para casa, Helena contou ao seu marido as novidades. Comovido, virou-se para D. Diva:

— A senhora reze por nós. Eu preciso largar essa bebida que atrapalha o meu trabalho, a minha família, a nossa vida. Vou ajudar Helena a cumprir o que prometeu. Muito obrigado.

Lá fora, a garotinha deles, envolta em manta cor de rosa, ao colo de uma enfermeira, esperava os cuidados e desvelos de sua mamãe.

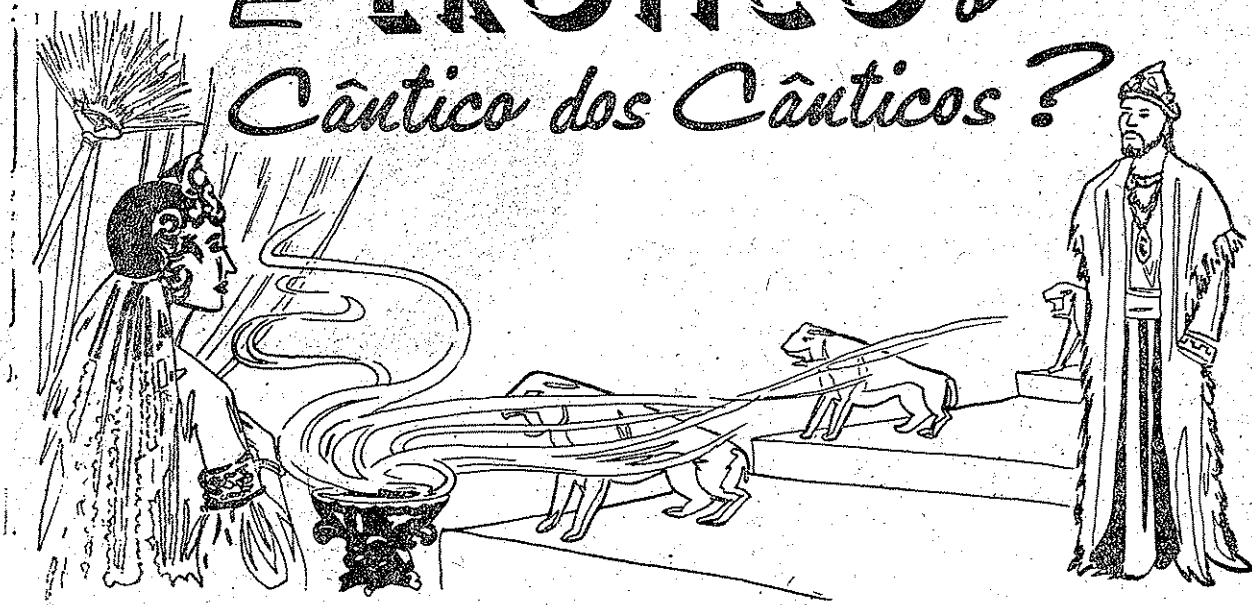
deu falta de Jesus. Já estavam de volta para Galiléia, a caminho de um dia, na certeza de que Ele estaria entre os parentes e conhecidos, companheiros de viagem. Uma sensação horrível invadiu aquele pobre coração de mulher, de mãe. Teria se acidentado o seu Filho? Teria sido seqüestrado? Afinal, Ele era uma pessoa chave, convergente. Maria se lembrou de Herodes que, ali perto, em Belém, dez anos antes, havia tentado contra a vida do Menino. Ela se lembrou também das lágrimas de Jacó, seu antepassado, quando soube do misterioso desaparecimento de José. Depois de retornarem a Jerusalém e de uma busca de três dias — graças a Deus! — localizaram-no conferenciando com os mestres de Teologia no Templo. Nada demais havia acontecido. Fôra só um susto. Que alívio!

Ela perdeu os filhos de seu matrimônio com o carpinteiro de Nazaré. Perdeu-os sob o ponto de vista espiritual. Os rapazes Tiago, José Júnior, Simão e Judas não criam em Jesus, não acreditavam na pureza de suas intenções, não davam fé ao seu messianismo. A situação era delicadíssima para Maria. O lar estava dividido. Mas, finalmente, alguma coisa contribuiu para a conversão deles: ou os últimos acontecimentos da vida de Jesus ou sua morte ou sua ressurreição e aparições. O fato é que eles, depois da ascensão, participaram das reuniões de oração no cenáculo, com Maria, as outras mulheres e os apóstolos. Não somente se converteram como também se dedicaram à Causa de Jesus. O mais velho, Tiago, tornou-se uma das colunas da igreja e é tido como o autor da epístola. O mais novo, Judas, teria sido, como muitos dizem, o autor da outra epístola. E assim Maria, não sem muitas lágrimas, conseguiu ver seus filhos crentes e salvos. "Muitas são as aflições do justo, mas o Senhor de todas o livra."

Se Maria, a privilegiada, não ficou isenta de aflições, quanto mais as mães de ontem e de hoje? Mas, se Maria alcançou o favor de Deus para as suas múltiplas e variadas aflições, as mães crentes e piedosas de hoje têm os mesmos recursos e as mesmas possibilidades.

É ERÓTICO?

Cântico dos Cânticos?



Fé evangélica e leitura da Bíblia constituem binário geminado, equação contínua, paralelas constantes. É característica do genuíno Protestantismo a reverente, piedosa e meditada leitura diária do Livro Sagrado, inspirado registro da divina revelação ao homem, maravilhosa história de salvação no Redentor Unigênito ao pecador, guia luminoso a indicar as diretrizes da vida no Espírito, abençoada e triunfante, ao crente.

Entretanto, há quem, mesmo no ambiente evangélico, faça restrições à leitura geral da Bíblia, por isso que há porções que lhes parecem contra-indicadas ou inconvenientes, para determinadas idades ou condições.

É o caso de uma senhora, membro de igreja de que fui pastor, que não permitia aos filhos adolescentes ou moços a indiscriminada leitura da Bíblia, por julgá-la inçada de lances e situações, termos e narrativas que via como sendo impróprias para edificação, perigosas até, porquanto sugestivas de pensamento e conduta lascivos e imorais.

Neste aspecto, o livro de CANTICO DOS CANTICOS é objeto de particular suspeita, visto com indisfarçadas reservas. Difícil é achar quem não demonstre certo prurido de constrangimento ante a inusitada vivacidade das expressões e a sugestividade das cenas românticas que ponteam, em típico estilo oriental, esse extraordinário poema de amor. Daí, não poucas são as almas sisudas, as sensibilidades delicadas, as individualidades mais zelosas que reagem com desfavor ao desconcertante realismo do livro, havido por perpassado de estranha veia de sensualismo e lubricidade, tismado por assinalada tarja de licenciosidade e erotismo. É sob a pressão dessa perspectiva que, através da história, hermenéuticas aturridos não cederam a atitudes extremas que vão desde o expungir a debatida obra do cânon veto-testamentário, como literatura puramente secular, sem expressão espiritual evidente, até a alegorização malabarista, a ignorar o sentido óbvio para visualizá-lo em prisma artificial de forçadas e fantasiosas aplicações.

Como, porém, entender, ou justificar, o alegado erotismo do livro dos CANTARES?

1. A NATUREZA DA OBRA.

Quem escreveu esse pequenino livro? Para quem? Com que propósito? Algo desde logo transparece: não é a expressão lúbrica de escritor a dar vazão a recalcada sordidez ou a explorar os lúridos pendores de sexualidade insatisfeita. Não é, pois, escrito salaz votado ao cultivo do erotismo pornográfico.

A simples leitura despreconcebida do li-

vroto bastará para convencer-nos de que se trata de um bellissimo e arrojado canto de amor nupcial, na forma geral de um dueto alternativo em que ambos os consortes procuram expressar a mútua afeição e a intensidade da paixão que os domina na linguagem eloqüente e cândida da vida, sem rebuscamentos, em verdadeira écloga espontânea, na singela naturalidade do amor genuíno, sem superfetões vilificantes ou conscientes preocupações sensuais. O ambiente palaciano que se reflete em não poucas passagens valida a tese de que é um canto especial alusivo aos esponsais na corte, ao enlace do príncipe com princesa estrangeira, cerimônia a revestir-se de pompa extravagante e não reduzida importância social e política. No caso, o consórcio de Salomão com a filha de Faraó, ocasião histórica ímpar e extraordinária, preenche os requisitos plenamente. Ora, para tal acontecimento requerer-se-ia composição da mais refinada literatura, digna dos vultos celebrados, a que reles poemeta licenciado não se prestaria. Ademais, não era próprio do espírito hebreu da época o ceder a explosões de sensualidade despudorada, como o evidencia a elevada ética a predominar no meio judaico de então, em que pesem a própria poligamia e o concubinato legitimados na sociedade daqueles dias. O título hebraico do livro, SHIR HASHSHIRIM — O CANTICO DOS CANTICOS, é um superlativo a refletir a excelência da composição, o que se não coadunaria com erotismo deslavado. Alfim, o ser incorporado ao Cânon só se pode admitir à luz de invulgar autoridade e reconhecido valor, o que não se daria com opúsculo trivial de duvidosa moralidade.

2. O CONCEITO DE SEXUALIDADE.

Talvez nenhuma expressão da vida e da realidade se nos revista de tão crasso desvirtuamento e padeça de tão aberrantes deformações quanto as questões de sexo. Essas funções naturais do ser, a serem exercidas em moldes de completa naturalidade, sem explorações nem aviltamentos, são, infelizmente, vistas quase sempre sob o prisma de práticas indignas, a ferir o decôro, a atentar contra a decência, a ultrajar a pureza e a santidade, incompatíveis com o respeito e a moral sã. Há uma sexualidade natural, pura e legítima, a que se exerce nas relações talâmicas, segundo a divina instituição e conforme a vontade de Deus. Há uma sexualidade desvirtuada, malsã e impudica, expressão da sensualidade infrene e das relações pecaminosas, exercidas fora do âmbito conjugal. Aquela não se pode increpar de erótica; esta o será sempre. Ora, canto de esponsais, não pode o livro dos CANTARES com propriedade haver-se por erótico.

3. A PROJEÇÃO REFLEXA.

Por vício de natureza, pecadores que somos, e por força de tradição, acostumados que estamos, reagimos como por verdadeiro reflexo condicionado a toda palavra, sinal, símbolo ou figura revestida de sexualidade em característica e espontânea excitação. Constituem-se-nos iniludíveis estímulos a provocar reações que variam de intensidade e complexidade, desde meros pensamentos até ações desabridas, passíveis de repressão, surblimação ou disciplina, inevitáveis, contudo, em maior ou menor grau. Há aqueles que não oferecem linha de resistência a esses apelos da natureza, cedendo-lhes à pressão, às vezes, mentes impuras, sensibilidades desviadas, vontades servis, a cultivá-los com carinho e fascínio. Neste caso, tudo parece contemplar SUB SPECIE SEXUALITATIS, isto é, a tudo vêem sob o ângulo de doentio sensualismo, tudo lhes assume o caráter de estímulo sexual, em quase estabelecida fixação. Para individualidades que tais, o livro dos CANTICOS assumiria feição caracteristicamente erótica. O poema em si se não reveste desse travo mas a projeção lasciva da subjetividade condicionada não pode deixar de vê-lo como excitante, estimulante, afrodisíaco. Cremos que, ante isso, serve o livro de verdadeiro espelho da psique humana, refletindo-lhe a íntima condição em reveladora projeção.

E a conclusão final não poderá deixar de ser: CANTICO DOS CANTICOS é um livro de vara beleza de sentimentos e nobreza de expressão, isento de eroticidade para o coração limpo, erótico sem dúvida, para a alma lasciva em inversiva projeção.

Waldyr Carvalho Luz.



ULTIMATO

"BUSCAI O SENHOR ENQUANTO SE PODE ACHAR"

Órgão de Propaganda Evangélica
Caixa Postal, 1236
Campinas, SP

TAXA PAGA